

**A abordagem dos processos da ciência
no jornalismo científico: foco na
graduação em Jornalismo**

Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo



Processes of science in science journalism:
focus on undergraduate Journalism

RICARDO HENRIQUE ALMEIDA DIAS¹

RESUMO

Neste relato de experiência apresento uma atividade realizada com alunos de Jornalismo que buscou trabalhar os processos da ciência no jornalismo científico, etapa da ciência que normalmente é esquecida pelos meios de comunicação. Para este fim, trabalhei a leitura de textos de filosofia da ciência e suas interfaces com a comunicação e sobre a perspectiva narrativa do jornalismo. Na discussão dos textos, os alunos foram capazes de reconhecer a relevância da abordagem dos processos da ciência, ao pontuarem diversas possibilidades nesse âmbito. Os alunos também consideraram a relevância do jornalismo enquanto expressão narrativa, sendo que os processos da ciência podem ser abordados a partir da noção de narrativa jornalística.

PALAVRAS-CHAVE

Ensino de Jornalismo. Jornalismo científico. Filosofia da ciência.

ABSTRACT

In this experience report I demonstrate an activity with journalism students which sought to approach the processes of science in science journalism, Science step that is often forgotten by the media. I suggested texts of philosophy of science and its interface with journalism and the narrative of journalism. In the discussion of the texts, the students were able to recognize the relevance of science processes. Students also considered the importance of journalism as narrative expression, and the processes of science can be approached from the notion of journalistic narrative.

KEYWORDS

Journalism teaching. Science journalism. Philosophy of science.

Recebido em: 06/06/2015. Aceito em: 04/11/2015.

¹ Doutor e mestre em Educação pela Universidade Estadual de Campinas. (Unicamp). Bacharel em Comunicação Social/Jornalismo pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). O relato de experiência apresenta resultado de pesquisa com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). E-mail: rhad@mail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8797223564596061>.

1 INTRODUÇÃO

O jornalismo científico, como praticado atualmente no Brasil, se ocupa quase que exclusivamente dos resultados da ciência. Os processos históricos, sociais, políticos e econômicos que a ciência está envolvida quase sempre são esquecidos pela mídia. A metodologia empregada e os equívocos ao longo do processo também são deixados de lado quando os jornalistas se deparam com um acontecimento merecedor de receber um tratamento jornalístico. O público que tem acesso aos produtos jornalísticos acaba por ter contato apenas com essa 'ponta de iceberg' da prática científica. Assim, elencando como problema de pesquisa a falta da abordagem dos processos da ciência no jornalismo científico, considere a etapa de formação de jornalistas, a graduação, como um local adequado para trabalhar com a solução desse problema.

Sobre o jornalismo científico, podemos defini-lo como uma das editorias do jornalismo que aborda o universo da pesquisa científica. A relação com a pesquisa pode ser de forma direta, quando da divulgação dos processos e resultados da pesquisa, ou de forma indireta, quando o jornalista tem por objetivo noticiar aspectos políticos, econômicos e sociais relativos à pesquisa. O principal objetivo do jornalismo científico é tornar possível o diálogo entre as universidades e institutos de pesquisa com a sociedade e vice-versa, fazer com que as posições da sociedade sejam expressadas no universo acadêmico. Esse diálogo acontece da mesma maneira que o diálogo entre o Congresso Nacional e a sociedade. Da mesma forma que não é possível que todas as pessoas se desloquem diariamente ao Congresso para assistir a uma sessão e conversar com os políticos, é necessário que o jornalismo realize esse trabalho para que a população tome consciência do que está acontecendo nas instâncias de poder público. Pensando o jornalismo científico, este abre um espaço de discussão no qual são abordados os processos da ciência, bem como seus resultados e aplicações, dando voz aos produtores da ciência. Por parte da sociedade, os jornalistas, através do mecanismo de antecipação, buscam fazer com que a população se sinta implicada pela pesquisa e compreenda quando questões controversas, sociais e éticas estão envolvidas na prática científica.

Um dos grandes problemas do jornalismo científico é o foco exclusivo nos resultados da ciência em detrimento dos processos que levaram a tais

A abordagem dos processos da ciência no jornalismo científico:

foco na graduação em Jornalismo

resultados. Para Pechula (2007), quando a ciência se insere no contexto midiático transformando-se em notícia, a pesquisa se transforma em fonte de divulgação científica para a massa e, apesar de estar ainda em processo de hipótese e elaboração, é rapidamente divulgada.

Contudo, geralmente, não aparece como processo e nem são apresentados os problemas e conflitos inerentes à sua produção. Ao contrário, a pesquisa é divulgada como a descoberta, a criação já acabada ou com o início de uma descoberta que inexoravelmente alcançará o seu intento. O receptor (telespectador, leitor etc.) sem o saber, torna-se consumidor desse tipo de informação. (PECHULA, 2007, p. 194).

A natureza e a consequência da omissão dos processos da ciência foi objeto de estudo de alguns pesquisadores. Para Almeida (1998, p. 57), em um artigo sobre divulgação científica e educação em física, julga o problema no que é amplamente divulgado e no que é omitido na divulgação científica.

258 |

Parece haver a suposição tácita de que condições e métodos interessam apenas aos cientistas, e, desse modo, o discurso científico, que chega à maioria da população, na escola, nos meios de comunicação de massa, é constituído apenas de resultados, um produto acabado e pronto para ser consumido.

Como consequência disso, a autora estabelece que: "Sem as condições em que foi produzido, o dizer da ciência perde a historicidade; sem processos de construção visíveis, torna-se absoluto e difícil de ser internalizado. Dessa forma, destina-se a poucos." (ALMEIDA, 1998, p. 57). Portanto, considero a relevância da abordagem dos aspectos sociais e políticos na prática do jornalismo científico, além dos resultados de pesquisas e elaboração de novos produtos que já são fortemente divulgados na mídia, fugindo da retórica das conclusões. Por isso, julguei a relevância de, já na formação de jornalistas em nível de graduação, propiciar condições para o trabalho com os processos da ciência, elencando o contato com filósofos da ciência para proporcionar a fuga da visão do jornalismo enquanto reproduzidor de resultados da ciência. Também propus o trabalho com a noção de narrativa jornalística, considerando-a propícia para a abordagem dos processos da ciência. Assim, tenho por objetivo neste relato de experiência buscar a compreensão da produção de sentidos de

textos que propõem a abordagem dos processos da ciência junto a estudantes de Jornalismo.

Para o cumprimento desse objetivo, elaborei uma unidade de ensino para ser aplicada em 20 horas e apliquei-a como parte da disciplina *Jornalismo Científico* em uma das universidades federais localizada na região centro-oeste. A unidade de ensino foi composta pelos eixos: introdução ao jornalismo científico, pesquisa em jornalismo científico, filosofia e epistemologia da ciência e suas relações com o jornalismo científico e narrativa jornalística e jornalismo científico. Cada eixo contou com quatro horas, sendo que um eixo foi dedicado à prática laboratorial.

Esta pesquisa é caracterizada pela pesquisa-ação (TRIPP, 2005), na qual selecionei um grupo específico de estudantes e os acompanhei ao longo de um semestre. O número de estudantes variou ao longo da unidade de ensino entre 20 a 30 alunos. A coleta de dados ocorreu a partir de gravações das aulas em áudio e vídeo, questionários e avaliação.

2 A UNIDADE DE ENSINO

Uma aula da unidade foi dedicada ao estudo de aspectos da produção de filósofos da ciência. Isso foi pensado por acreditar que esse estudo poderia propiciar o contato com os processos da ciência. Para este eixo, foram escolhidos os textos *Quanto mais manipulações melhor* de Bruno Latour (2014) e *Divulgação científica: a mitologia dos resultados* de Antônio Fernando Cascais (2003). Dois textos nos quais as relações entre os filósofos da ciência se relacionam ao jornalismo científico.

Cascais realiza uma crítica contundente ao que ele chama de 'mitologia dos resultados' na divulgação científica. Esse conceito consiste em "representar a atividade científica pelos seus produtos; resumir os processos científicos à consecução finalista e cumulativa de resultados; isolar exclusivamente como resultados aqueles que são avaliados *a posteriori* como êxitos de aplicação." (2003, p. 67). O que passa implicitamente por ignorar a atividade científica enquanto processo, que progride de modo não linear, errático e variante, elimina a historicidade inerente à ciência e anula o papel do erro produtivo na

A abordagem dos processos da ciência no jornalismo científico:

foco na graduação em Jornalismo

tomada de decisão e nas escolhas científicas, além de assimilar fins a resultados, com a exclusão dos resultados fortuitos, inesperados ou adversos.

O texto de Latour também teve por objetivo discutir criticamente a objetividade na ciência. Para o autor, o grau de objetividade de uma disciplina científica pode ser definido pela gama de lacunas e pelo número de passos de transformações necessários para preenchê-los. Quanto mais passos existem entre os objetos e aqueles que fazem julgamentos sobre eles, mais robustos esses julgamentos serão.

A relação do jornalismo científico com essa noção de objetividade fica mais clara quando o autor afirma que assim que os cientistas deixam seus laboratórios, eles caem de volta na versão senso comum da ciência como a imagem de espelho do mundo. Assim, falei aos alunos que quando o cientista concede entrevista para os jornalistas, ele tenta relacionar, o máximo que pode, a imagem com que está trabalhando com um fenômeno sensível.

260 |

3 NARRATIVA JORNALÍSTICA E JORNALISMO CIENTÍFICO

O jornalismo tem sido pesquisado à luz de estudos que o consideram como uma narrativa. Tais estudos partiram do problema provocado pela ideologia dominante dos meios de comunicação que busca adotar o jornalismo no estilo *hard news*, com suposto foco baseado no acontecimento em si, sem relação com o contexto e as condições em que o fato ocorreu. Assim, muitos estudiosos têm se debruçado em caracterizar o jornalismo enquanto narrativa histórica da contemporaneidade, a fim de escapar do suposto jornalismo factual que predomina nos meios de comunicação. Com isso, uma aula foi montada propondo aos alunos a leitura de dois textos: o capítulo *Relatar o acontecimento* da obra *O discurso das mídias* de Patrick Charaudeau e o artigo *O real e o poético na narrativa jornalística* de Jorge Kanehide Ijuim. Também assistimos um vídeo de autoria de Marcos Pivetta e colaboradores (2012) da revista *Pesquisa Fapesp* intitulado *Eta Carinae: além do eclipse*. Essa aula teve por objetivo trabalhar o jornalismo visto pelo viés dos estudos narrativos. Viés este que considero propício para que sejam trabalhados aspectos dos processos da ciência e não somente os resultados.

Ijuim (2010) buscou investigar a possibilidade do jornalista conseguir suplantar “o ‘efêmero e o circunstancial’ e chegar ao ‘essencial humano’, indo além do ‘urgente’ para atingir o ‘importante’ – ao se apropriar de alguns recursos da literatura para ‘criar, dar vida, à sua obra’ (narrativa jornalística.)” Ele ressalta que “narrar é construir uma realidade pela atribuição de significados, de sentidos – socialmente compartilhados –, que possam colaborar não só para que audiência tenha informação, mas proporcionar situações para que essa audiência possa ser afetada, provocada.” (IJUIM, 2010, p. 220). A tarefa do jornalista é a de compreender as ações humanas para poder narrá-las. Para o autor, o fazer jornalístico não se restringe a noticiar, mas supõe o relato das ações humanas, considerando mais que fatos, fenômenos sociais.

Ao utilizar-se de expressões coloquiais e figuras de linguagem, o jornalista científico não o faria somente para dar um ‘toque literário’ às matérias científicas, mas o faria, principalmente, para elevar a compreensão dos conceitos científicos e tornar a leitura mais agradável.

Apesar da utilização de elementos literários nos textos de jornalismo, ressaltai com os alunos a consideração do autor que a apropriação dos recursos da poética não configura a intenção dos repórteres pesquisados por ele – na forma simplista e reducionista – de criar textos brilhantes e cheios de adornos inócuos. “As proposições desses escritores-jornalistas visam a oferecer narrativas ricas em elucidação, esclarecimento, emoção, provocação. Em muitos casos, é a maneira de tornar compreensíveis os indecifráveis idiomas dos especialistas.” (IJUIM, 2010, p. 125).

Na linha proposta por Jorge Ijuim, também julguei a pertinência da abordagem narrativa proposta por Patrick Charaudeau, já que, para esse autor, o modo narrativo serve para descrever as ações humanas, ou tidas como tais, que se originam em um projeto de busca. Para o autor, descrever um fato depende, por um lado, de seu potencial de ser narrado, por outro, da encenação discursiva operada pelo sujeito que relata o acontecimento e, ao mesmo tempo, constrói uma narrativa. A narrativa, em várias circunstâncias, constrói totalmente o acontecimento, inscrevendo-o num antes e num depois que não aparecem em seu desenrolar.

A abordagem dos processos da ciência no jornalismo científico:

foco na graduação em Jornalismo

O papel da diegese narrativa é então o de construir uma história segundo um esquema narrativo intencional, no qual se poderá identificar os projetos de busca dos atores e as consequências de suas ações. Em resumo, trata-se de construir uma narrativa, um narrador (a diegese evenemencial existe sem narrador, mas não a diegese narrativa) e um ponto de vista (não há narrativa sem ponto de vista). É por isso que a narrativização dos fatos implica a descrição do processo da ação ("o quê?"), dos atores implicados ("quem?"), do contexto espaço-temporal no qual a ação se desenrola ou se desenrolou ("onde?" e "quando?"). (CHARAUDEAU, 2010, p. 153).

262 | Após a discussão dos textos, assistimos o vídeo sobre a estrela *Eta Carinae*. O vídeo foi escolhido por conter elementos narrativos tais como mudança de cenário, relatos históricos, cientista como personagem, entre outras características narrativas. Baseada em uma entrevista com o astrofísico Augusto Damineli, ele começa a narrar como essa estrela começou a ser estudada e ser notada em 1827. Após explicar como a estrela foi evoluindo, através de dados históricos e conceituais, ele mostra como começou o envolvimento com o objeto celeste. Aspectos narrativos como fatos inesperados que mudaram as expectativas sobre o objeto de estudo, figuras de linguagens (uso de metáforas como "periodicidade de relógio" e "colocar a corda no pescoço"), humor ("astrônomo vive bastante") e marcação temporal, podem ser notados no trecho da narrativa do astrofísico:

Meu envolvimento com essa figura celeste começou há muito tempo atrás, era bem mais jovem que hoje, mais de 20 anos. É uma estrela brilhante, nosso telescópio era pequeno, então era uma coisa boa para fazer, porque era um alvo que o nosso telescópio podia observar. Falei: olha tenho um telescópio aqui que tenho bastante tempo de acesso e tenho uma carreira longa pela frente, astrônomo vive bastante, peguei um sinal que era indireto do ultravioleta, e me preparei para ficar 20, 30 anos, mas em pouco mais de dois anos (breve pausa) ela apagou, ela apagou 60 sóis em uma noite. Fui na literatura, naqueles porões de observatórios e coletei todas as observações anteriores, e vi que isso acontecia a cada cinco anos e meio e as pessoas não tinham se dado conta e que era uma coisa periódica, cinco anos e meio, isso tinha acontecido desde 1945 desde a segunda guerra mundial, estava lá os dados, e que era uma coisa periódica. Ser periódica, não tem jeito, tem que ter duas estrelas, não existe outra forma de explicar um fenômeno assim com essa periodicidade de relógio. Quando eu falei que *Eta Carinae* era uma estrela dupla o referee² do artigo não queria deixar publicar. Aí o editor falou que é uma coisa muito interessante e ele está pondo a corda no pescoço e falou que 10 de dezembro de 1997 vai acontecer novamente e... isso é ciência! Uma coisa testável! O cara põe a corda

² Revisor.

no pescoço e a gente tem que publicar. Aí em 10 de dezembro, estava nos EUA, mas obtive uma observação aqui no sul de Minas e tinha apagado. (PIVETTA et al., 2012).

O vídeo sobre a estrela nos mostra que quando o jornalismo conta com aspectos narrativos os processos da ciência podem ser abordados pelas reportagens em jornalismo científico. Ao narrar, o jornalista que se depara com temas científicos encontra na ciência um acontecimento que se desenvolveu em um tempo extremamente dilatado se comparado com a dimensão temporal na qual constrói seus textos. Em resumo, como comentei na aula, uma pesquisa de 10 ou 20 anos precisa ser contada em dois minutos do espaço da televisão, se se tratar de uma notícia de ciência em um telejornal diário. Nessa relação temporal é que o jornalista normalmente só se preocupa com os resultados da ciência. Assim, com o exemplo de Charaudeau de que o papel da narrativa é o de construir uma história segundo um esquema narrativo intencional, no qual se poderá identificar os projetos de busca dos atores e as consequências de suas ações, pretendi proporcionar aos estudantes a relevância também de se abordar essas questões para trazer aspectos dos processos de constituição da ciência.

4 ALGUMAS DISCUSSÕES EM SALA DE AULA

Durante a aula sobre as concepções de ciência e seu relacionamento com o jornalismo científico, os alunos tinham que ter lido dois textos, que foram sugeridos na aula anterior: o artigo *Quanto mais manipulações melhor* de Bruno Latour e *Divulgação científica: a mitologia dos resultados* de Antônio Fernando Cascais. Começamos discutindo o texto de Cascais. A questão de se publicar os erros da ciência logo foi um ponto forte de discussão:

Estudante A: Quando se fala em ciência, ela está relacionada à ideia de milagre. Se a ciência falha, não consegue resolver os erros, eu acho que o jornalista assume esse... Nem tudo tem jeito.

Estudante B: Papel de carrasco, concordo com ele. Concordo que deveria ser noticiado, mas acho que talvez o jornalista que faz isso faz o papel de carrasco. Tipo: "esse cara aí é muito crítico. Está questionando o poder da ciência".

Professor/pesquisador: Às vezes não é culpa só do jornalista, mas também da própria ciência, que tem esse imaginário.

Estudante C: Eu acho que é questão dos critérios de noticiabilidade mesmo, sabe, a ciência falhar faz parte do processo, quando dá certo

A abordagem dos processos da ciência no jornalismo científico:

foco na graduação em Jornalismo

que é notícia, você não vai falar essa padaria não foi assaltada essa semana, só quando ela foi assaltada.

Estudante B: Ou se ela foi assaltada em uma semana e na outra não.

Professor/pesquisador: Ai que entra você escapar dos resultados, porque às vezes a notícia não estará no resultado, o resultado deu erro, mas a notícia estará no processo, ele usou uma metodologia diferente para aquele determinado resultado que deu errado, mas aquela metodologia que ele criou foi diferente, o que pode ser notícia. Não só a metodologia, mas a questão histórica, algum assunto histórico [...] que pode ser notícia [...] O resultado deu erro, mas o lado histórico daquilo, talvez...

Estudante C: Foi o primeiro uso de alguma coisa.

Professor/pesquisador: Talvez isso.

Estudante C: Como o LHC, não deu resultado até agora, mas o primeiro uso é histórico.

Para o estudante B, quando o jornalista se refere a erros acontecidos durante o processo científico, este assumiria um “papel de carrasco”, um “estraga prazer”, das maravilhas da produção científica que normalmente vemos no jornalismo científico. Para os estudantes A e B, o jornalismo científico deve passar a ideia de milagre da ciência, exprimir o poder da ciência que, na era atual, se resume a exprimir o mesmo conforto que outrora pertenceu aos mitos e às religiões, assim inquestionável. Tais posicionamentos são comumente encontrados nos meios de comunicação e constituem um obstáculo ao trabalho com os processos da ciência.

Já o estudante C evocou os critérios de noticiabilidade para defender que os processos da ciência, como o erro, não deveriam se transformar em notícias. Os valores-notícia presentes, apesar de não mencionados pelo estudante, seriam o inesperado, já que os erros são esperados por fazerem parte da normalidade da ciência e os resultados são inesperados ou novos (outro critério de noticiabilidade). Outro valor-notícia presente aqui é a negatividade, já que, no exemplo dado pelo aluno, enquanto a padaria funciona tranquilamente ela não é notícia, mas apenas quando algo ruim, um assalto, acontece. Se usarmos a mesma metáfora para a ciência, esta só seria notícia na grande mídia, seguindo o raciocínio desse estudante, quando algo ruim acontecesse. No final, após a minha intervenção que aludiu a possibilidade de se trabalhar os processos históricos no jornalismo, o estudante C reconheceu a relevância de se noticiar o primeiro uso do laboratório.

Continuando a discussão sobre os limites da ciência, lembrei que muitas vezes o jornalista reforça a ideia da ciência enquanto ‘salvadora do mundo’.

Citei também o exemplo das disputas jurídicas que são resolvidas pelo exame de DNA das partes. Antes de abordar os limites dessa visão, fui interrompido por um dos estudantes:

Estudante: As pessoas esquecem que o DNA não é 100% confiável, porque tem pessoas que são quimeras, porque tem dois ou três DNAs dentro dela, nada é 100% confiável.

Professor/pesquisador: Interessante isso que você falou. Algumas empresas de seguros estão baseando o cálculo das apólices com relação à genética da pessoa. Aí existe tal probabilidade para determinada doença. Dependendo da probabilidade, sua apólice fica mais cara. E isso é extremamente desconfortante... Mas pode haver o efeito contrário. Por exemplo, algumas mulheres tinham uma propensão maior geneticamente para o câncer de mama. Só que na verdade tem o efeito inverso, porque quando alguém descobre que tem uma probabilidade maior de ter câncer de mama ela começa a tomar atitudes para evitar o câncer.

Nesse conjunto de falas, procurei desmistificar a ideia da ciência enquanto juiz final de todas as questões, combatendo o determinismo da ciência. Uma ciência extremamente precisa, que pode colocar um ponto final em todos os imbróglios humanos, neutra e assim imparcial é o que é normalmente expressa em jornais, sites e programas de rádio e televisão em todo o mundo. O jornalismo, como afirma Fahnestock (2005), procura ser mais exato que a própria ciência. Recentemente, na notícia de que a espécie humana quase se dividiu em duas, Marcelo Leite abre o texto com a frase: "Já se sabia que Neandertais e humanos conviveram por milhares de anos na Europa e na Ásia e aí se acasalaram." (LEITE, 2014). O cruzamento entre Neandertais e *homo sapiens* é um dos assuntos mais controversos dos estudos do gênero homo. Recentemente com a decifração do genoma Neandertal pelo grupo liderado por Svante Pääbo, a hipótese do cruzamento ganhou força, mas ainda gera polêmica entre os cientistas. Já a frase que abre o texto sugere o oposto, o que já é, usando um jargão jornalístico muito comum, o 'fato'. Os resultados da ciência se congelariam e a discussão, que faz parte dos processos da ciência, seria encerrado. Para Fahnestock (2005), o motivo que leva a esse deslocamento, usar léxicos que exprimem certeza, é o desejo de aumentar a relevância do assunto. Complemento afirmando que aumentar a relevância do assunto significa colocar mais credibilidade ao texto jornalístico, já que sentenças usadas em artigos científicos como "os resultados parecem sugerir"

A abordagem dos processos da ciência no jornalismo científico:

foco na graduação em Jornalismo

não passam a impressão de algo acabado e assim sem credibilidade para leitores e internautas que buscam a verdade.

Prosseguindo com a discussão sobre a etapa da apuração, que usei para responder ao questionamento do estudante sobre se o jornalista tem que aprofundar no conhecimento produzido pelo cientista antes de entrevistá-lo, um dos estudantes manifestou a experiência com a produção de temas de ciência e ambiente:

Estudante: A impressão que eu tenho, quando faço pesquisa para uma matéria de ciência e ambiente, é que sua pesquisa só serve para aquela matéria. Depois esquece. Diferente de uma matéria de política que você sempre tem um contexto histórico de como aconteceu o processo. Não sei se isso acontece com uma pesquisa jornalística sobre ciência. É mais ou menos assim?

Pesquisador: Não. É aqui que o Cascais vai mostrar no texto. Por um lado os resultados dão uma ideia fechada da ciência. E os procedimentos dão uma ideia aberta. Quando a gente pega os procedimentos nós conseguimos adquirir uma base para usarmos em matérias futuras.

266 |

Sem perceber, o próprio estudante apontou como problema para o desenvolvimento de textos de ciência a falta do contexto histórico de como aconteceu o processo que, segundo ele, acontece apenas em matérias de política. A abordagem estrita dos resultados acarretaria em uma falta de conexão entre os diversos resultados da pesquisa científica que são divulgadas pela mídia. Por isso, as informações levantadas, que se baseiam só nos resultados, apenas serviriam para aquela matéria e depois cairiam no esquecimento.

Na aula sobre os relacionamentos entre o jornalismo científico e a perspectiva narrativa para o jornalismo foi proposto aos alunos que lessem os textos de Jorge Ijuim e Patrick Charaudeau já citados neste relato de experiência. Os alunos se expressaram pouco nessa aula, porém foram instados a tomarem posicionamentos em uma avaliação. Ela foi composta por trechos dos textos dos dois autores, além do texto *Divulgação científica: a mitologia dos resultados* de Antônio Cascais. Neste relato de experiência, discuto as respostas à questão um, que foi '1) Qual a relação entre o jornalismo científico e o jornalismo visto por este ângulo narrativo de acordo com Charaudeau e Ijuim?'.

Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo, Brasília, v. 5, n. 17, p. 256-271, jul./dez. 2015
ISSN: 1981-4542

A maioria das respostas à primeira questão assumiu que é difícil divulgar a ciência para um público amplo através do jornalismo, sendo que o viés narrativo para o jornalismo poderia auxiliar nesse trabalho de circulação da ciência na sociedade. Muitos alunos lembraram dos termos técnicos que poderiam ser explicados pela narrativa e muitos deles usaram o conceito de “tradução” para compreender o papel do jornalismo científico. Bastaria ao jornalista traduzir o discurso científico para o discurso jornalístico. Apesar de termos discutido em sala de aula que o papel do jornalista não é o de um mero tradutor, muitos estudantes mantiveram esse posicionamento na avaliação. De acordo com um dos alunos:

Ambos os autores permitem a compreensão do jornalismo como tradução dos fatos enquanto processo. A finalidade ou consequência não completam sozinhas a narrativa jornalística. O jornalismo científico insere-se nesses mesmos aspectos: há a necessidade de tradução da linguagem dos especialistas de maneira estratégica e inteligente, com o desafio de compreender o fato e a pesquisa científica como processo ao invés de meros resultados; combatendo o sensacionalismo e a bizarrice e, estimulando o uso de recursos linguísticos na narrativa para ganhar audiências.

|267

O que é relevante para os propósitos deste relato de experiência, é que esse estudante trocou a palavra narrativa por processo, estabelecendo uma relação entre a busca pelo processo dos fatos e o encadeamento desses fatos na transformação de uma narrativa, o que foi a proposta da unidade de ensino.

Outro estudante também viu a forte relação entre o jornalismo científico e a proposta narrativa para o jornalismo:

O jornalismo narrativo está bem relacionado com o jornalismo científico. Para Charaudeau o jornalismo narrativo não está só preocupado com o fato em si, mas ele também apresenta as causas que levaram a aquele fato, as consequências, de que maneira ele ocorreu. E o jornalismo científico também apresenta essas questões. No jornalismo científico não é interessante apresentar apenas os fatos, os resultados (o que o jornalismo do cotidiano faz normalmente) então para “ter” um espaço o jornalismo científico normalmente é apresentado em textos narrativos onde é possível escrever sobre a intenção da pesquisa científica. Essa relação se dá também, pois normalmente alguma pesquisa científica começa, toma origens nas perguntas, nas questões que tornam o mundo inteligível. Como a audiência nem sempre está acostumada e entende o que está escrito por cientistas o jornalismo científico para conseguir o objetivo de informar a massa precisa se aproveitar do jornalismo narrativo, mais comum, mais fácil de ser compreendido pela massa.

A abordagem dos processos da ciência no jornalismo científico: foco na graduação em Jornalismo

Para esse estudante, com base no trecho do texto de Charaudeau, o jornalista que se vale da narrativa pode ir além dos fatos, buscando as causas e consequências daquele fato. Pensando o jornalismo científico, esse estudante faz um exercício de historicidade ao relacionar o texto que fica estritamente no fato ser relacionado só aos resultados da ciência, sendo que o jornalista poderia ir além dos fatos e resultados da ciência para buscar as intenções da pesquisa científica, o que tem a ver com os processos. Com base nas respostas, posso concluir que a unidade de ensino cumpriu o objetivo em apresentar os processos da ciência, indo além só dos resultados, ao abordar o jornalismo enquanto expressão narrativa da contemporaneidade. A unidade de ensino funcionou junto aos estudantes no sentido de fazer com que eles vissem o jornalismo científico além dos resultados.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

268 |

A aula de filosofia da ciência foi fundamental para a investigação de como os estudantes de Jornalismo produziram sentidos com relação às leituras que propõem a abordagem das condições de produção da ciência. A possibilidade da abordagem dos erros da prática científica gerou muitos posicionamentos dos estudantes, que expuseram os motivos que o jornalismo não se preocupa com os erros, já que cabe ao jornalismo o papel teleológico. Só quando a ciência evolui a partir dos seus sucessos é que a ciência merece receber um tratamento jornalístico. Entretanto, expus aos alunos que os erros podem contribuir para a compreensão dos fenômenos que estão sendo estudados.

Também expus os limites da prática jornalística que só vê nos resultados a possibilidade do trabalho de produção do texto. Essa visão restrita faz com que cada vez que o jornalista se depara com um assunto ele tem que pesquisar sobre aquilo para desenvolver a matéria, sendo que a abordagem dos processos, que sugere uma ciência aberta como teorizada por Cascais (2003), proporciona uma óptica abrangente da ciência e que cada texto produzido auxilia na produção do seguinte. Esse discurso só veio a tona a partir do questionamento de um dos estudantes, o que me permite concluir que a

unidade de ensino foi efetiva em aflorar assuntos emblemáticos do jornalismo científico em pontos relativos à abordagem dos processos da ciência.

As aulas também foram relevantes para explorar as contraposições entre posicionamentos que sustentam a prática jornalística tradicional e a unidade de ensino que questionou essa prática. Isso gerou conflito de ideias: ora os alunos defenderam a prática jornalística tradicional, ora foram coerentes com a unidade de ensino. O trabalho com textos de filosofia da ciência e suas relações com o jornalismo científico foram relevantes para a abordagem dos processos da ciência. Os alunos foram instados, por exemplo, a reconhecer a importância de tratar também os erros da atividade científica e questionar o determinismo da ciência. Eles foram capazes de notar que as imagens produzidas pela ciência não correspondem ao que normalmente consideravam como a realidade, mas são frutos de muitas manipulações, assim como em toda prática científica. Nas discussões, os alunos confessaram a dificuldade em abordar os acontecimentos que não se resumiriam aos sucessos da ciência, já que não cumpririam os critérios de noticiabilidade. Entretanto, as leituras e discussões criaram condições para que eles refletissem sobre a possibilidade de abordar aspectos da ciência que são esquecidos pela mídia, tanto os benefícios dessa abordagem quanto os seus desafios.

Os textos sobre narrativa jornalística foram eficazes em fazer com que os estudantes assumissem posicionamentos referentes ao problema em se limitar só ao dito 'fato', ideia que é pregada em manuais de redação dos jornais e aceito como norma profissional. Os fatos devem dizer por si mesmos, em um asséptico texto que só responde às questões do lide. Os artigos de Jorge Ijuim (2010) e Patrick Charaudeau (2010) questionam esse relato frio dos jornalistas ao defenderem que os jornalistas devem, sim, utilizar a própria experiência para se posicionarem perante o que chamam de fatos. Quando os jornalistas têm experiência daquilo que estão escrevendo, eles também conseguem detectar as mudanças de posicionamento das pessoas envolvidas e as mudanças na direção da trajetória dos acontecimentos. Os processos da ciência são mais fáceis de serem notados a partir dessa visão narrativa do jornalismo.

A noção de narrativa jornalística se mostrou eficiente para construir uma ligação entre os processos da ciência e o jornalismo, já que, dado o atual estado

A abordagem dos processos da ciência no jornalismo científico: foco na graduação em Jornalismo

da atividade informativa ligada ao “urgente e efêmero”, como apontado por Ijuim (2010, p. 117), os alunos, principalmente por estarem no último ano do curso de jornalismo e assim imersos na discursividade jornalística tradicional, teriam objeções prévias ao trabalho com os processos da ciência, já que os processos se encontram, muitas vezes, fora daquilo que se considera iminentemente factual. Por isso, abordei o jornalismo enquanto narrativa contemporânea com os estudantes para que eles tivessem condições de considerar os processos da ciência no jornalismo. 

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria José Pereira Monteiro de. O texto escrito na educação em física: enfoque na divulgação científica. In: ALMEIDA, Maria José Pereira Monteiro de; SILVA, Henrique César da (Orgs.). **Linguagens, leituras e ensino da ciência**. Campinas: Mercado de Letras, 1998.

CASCAIS, Antônio Fernando. Divulgação científica: a mitologia dos resultados. In: SOUSA, Cidoval; MARQUES, Nuno; SILVEIRA, Tatiana (Orgs.). **A comunicação pública da ciência**. São Paulo: Cabral Editora e Livraria Universitária, 2003.

CHARAUDEAU, Patrick. **O discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2010.

FAHNESTOCK, Jeanne. Adaptação da ciência: a vida retórica de fatos científicos. In: MASSARANI, Luisa; TURNEY, Jon; MOREIRA, Ildeu de Castro (Orgs.). **Terra incógnita: a interface entre ciência e público**. Rio de Janeiro: Casa da Ciência, 2005.

IJUIM, Jorge Kanehide. O real e o poético na narrativa jornalística. **Conexão – Comunicação e Cultura**, Caxias do Sul, v. 9, n. 17, p. 115-127, jan./jun. 2010. Disponível em: <<http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/conexao/article/viewFile/464/386>>. Acesso em: 6 set. 2015.

LATOURETTE, Bruno. The more manipulations, the better. In: COOPMANS, Cateelijne et al. **Representation in scientific practice revisited**. Cambridge: The MIT Press, 2014.

LEITE, Marcelo. DNA indica que espécie humana quase se dividiu em duas. **Folha de S.Paulo**, 30 jan. 2014. Disponível em: <<http://folha.com/no1404886>>. Acesso em: 6 set. 2015.

PECHULA, Marcia Reami. A ciência nos meios de comunicação de massa: divulgação de conhecimento ou reforço do imaginário social? **Ciência e Educação**, Bauru, v. 13, n. 2, p. 211-222, maio/ago. 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ciedu/v13n2/v13n2a05.pdf>>. Acesso em: 6 set. 2015.

PIVETTA, Marcos et al. Eta Carinae: além do eclipse. **Pesquisa FAPESP**, 8 mar. 2012. Disponível em: <<http://revistapesquisa.fapesp.br/2012/03/08/eta-carinae-alem-do-eclipse/>>. Acesso em: 6 set. 2015.

TRIPP, David. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, set./dez. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v31n3/a09v31n3>>. Acesso em: 6 set. 2015.